



Os banqueiros disseram a Galvães que o prazo para pagamento da dívida pode ser ampliado

Credor diz que Brasil pode obter condições melhores

O Brasil poderá obter junto à comunidade bancária internacional condições para o pagamento de sua dívida tão amplas como as que o México está pleiteando — 15 anos de prazo com 7 de carência — ou até melhores. A opinião é do presidente de um dos vinte maiores bancos americanos que atuam no Brasil há mais de 60 anos, James B. Robinson III, do Bank American Express.

Segundo Robinson "a boa performance conquistada pelo Brasil no front externo cria condições para que o País possa negociar em bases semelhantes às do México, ou até mesmo em bases novas". Esta performance — afir-

mou — "deixou-me bem impressionado, especialmente com relação ao aumento das exportações e as substituições de importações".

O banqueiro americano foi ainda mais longe ao falar sobre o que o Brasil poderá obter junto à comunidade financeira em função da melhoria da sua economia. No seu entender, o Brasil poderá abandonar as negociações anuais com vistas a fechar o Balanço de Pagamento a cada ano, e partir para negociações mais amplas, de dois ou até três anos, o que também é defendido pelos banqueiros do Lloyds Bank (ingles) e do Montreal Bank (canadense).

Robinson não descartou a possibilidade de os Estados Unidos aceitarem negociar com o Brasil com taxas de juros fixas, ao contrário da oscilante prime rate, mas teve o cuidado de ressaltar que "tudo irá depender da conveniência das duas partes, além de ser uma questão para ser desenvolvida no futuro".

Recebido ontem pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvães, acompanhado do banqueiro Edmond Safra, executivo que controla uma das maiores fortunas do mundo, Robinson III disse que os juros internacionais deverão experimentar ainda uma nova alta para, só depois, cair para patamares mais baixos.